

## Reafirmação da identidade e da cultura portuguesas em Manoel de Oliveira e José Saramago

### Resumo

O português, tanto a língua quanto o Estado, possui no mundo atual um estatuto minoritário. Não em termos numéricos, já que é uma das 10 línguas com maior quantidade de falantes. Porém o atual Estado português não se equipara ao seu passado de império ultramar. Revendo essa situação, o cineasta Manoel de Oliveira e o escritor José Saramago costumam tematizar em suas obras a dificuldade de lidar com o esse estatuto minoritário e buscam defender a dignidade portuguesa. Dois temas estão marcadamente presentes nas suas obras: a valorização da identidade e da língua portuguesa e a viagem como forma de sua reafirmação, seja refazendo caminhos de antigos exploradores portugueses dos séculos XV e XVI ou revisitando momentos importantes da história de Portugal. No presente trabalho desenvolvemos a análise desses temas a partir de dois filmes recentes de Manoel de Oliveira, *Um filme falado* (2003) e *O Quinto Império – Ontem como Hoje* (2004), e do livro *A jangada de pedra*, de Saramago. Além disso, buscamos o intertexto dessas obras contemporâneas com dois mestres portugueses do passado, Luís de Camões e Fernando Pessoa.

### Palavras-chave

Português, identidade, viagem, cinema

### Luíza Beatriz Amorim Melo Alvim

Mestre em Letras pela Universidade Federal Fluminense (UFF), na área de concentração Literaturas Francófonas, com a dissertação “*L’interdite* de Malika Mokeddem: construindo e desconstruindo identidades culturais”. Está atualmente em fase de conclusão do curso de Graduação em Comunicação Social da Universidade Federal Fluminense.

## Reafirmação da identidade e da cultura portuguesas em Manoel de Oliveira e José Saramago

**Luíza Beatriz Amorim Melo Alvim**  
(Universidade Federal Fluminense, Brasil)

Embora esteja entre as dez línguas mais faladas no mundo (em termos de número de falantes), o português parece ter um estatuto semelhante a um dialeto falado por uma minoria. Pouca importância tem, seja em organizações internacionais ou no campo do turismo. Portugal, por sua vez, é visto como um país de menor peso na União Européia. Nada que lembre o império que desbravou oceanos, dominou entrepostos comerciais e colônias em vários continentes e dividiu o mundo com a Espanha no Tratado de Tordesilhas.

Mas os portugueses continuam fazendo grandes obras no campo da cultura, como, por exemplo, na literatura e no cinema. Destacamos o escritor José Saramago e o cineasta Manoel de Oliveira. Justamente estes artistas costumam tematizar em suas obras a dificuldade de lidar com o estatuto minoritário do português, tanto a língua como o Estado, e buscam defender a dignidade portuguesa e a sua identidade. No presente trabalho partimos dessa perspectiva e exemplificamos esta postura com as seguintes obras: o livro *A jangada de pedra*, de Saramago, e dois filmes recentes de Manoel de Oliveira, *Um filme falado* (2003) e *O Quinto Império – Ontem como Hoje* (2004). Além disso, buscamos o intertexto dessas obras contemporâneas com dois mestres portugueses do passado, Luís de Camões e Fernando Pessoa.

Dois temas estão marcadamente presentes nas obras acima citadas: a valorização da identidade portuguesa e a viagem como forma de sua reafirmação. Antes de analisá-los mais detalhadamente, façamos um resumo dos conteúdos do livro e dos filmes.

Em *A jangada de pedra*, a Península Ibérica se destaca do resto da Europa e passa a navegar, como uma enorme jangada, pelo Oceano Atlântico. Além disso, acompanhamos o encontro e as andanças de cinco personagens pelo seu interior. Em *Um filme falado*, Rosa Maria e sua filha Maria Joana partem de Lisboa de navio em direção a Bombaim, onde está o pai da menina. Em *O Quinto Império*, há uma dramatização quase teatral do episódio histórico dos conflitos enfrentados pelo rei Dom Sebastião para levar as tropas portuguesas para combater os mouros no norte da África.

A viagem é muitas vezes representada na literatura e no cinema como uma busca identitária por origens reais ou imaginárias, ou como uma revisitação de lugares à procura de um tempo perdido, além de possuir também um aspecto conquistador e aventureiro dos relatos de exploradores e de corsários europeus. O segundo caso está presente em *Um filme falado*. A viagem das portuguesas em direção a Bombaim, um antigo domínio comercial português, faz lembrar a viagem de Vasco da Gama em direção às Índias, embora, diferente do navegador quinhentista, não contornam a África, mas sim navegam pelo mar Mediterrâneo e se utilizam da facilidade do Canal de Suez. Neste percurso, visitam locais de importantes civilizações do passado: Marselha, Nápoles, Atenas, Istambul e Cairo.

O percurso distinto não é a diferença fundamental entre a viagem da mãe e da filha e a dos conquistadores de outrora. Como observa Silviano Santiago (1989) no seu artigo *Por que e para que viaja o europeu*, os exploradores e colonizadores portugueses tinham como objetivos básicos a propagação da Fé e do Império. Já Rosa Maria e Maria Joana não pretendem encontrar terras desconhecidas a serem colonizadas. Mais próximas estão dos viajantes europeus do século XIX que, como analisou Said (1996), partiam para o Oriente atrás dos vestígios de um passado mítico glorioso. É o início de uma certa atitude do turista moderno, que só enxerga o local como representante de uma história anterior e de pontos turísticos a serem visitados, deixando muitas vezes de perceber a própria realidade presente do lugar.

Assim, as personagens visitam monumentos grandiosos do mundo antigo, como as pirâmides e a esfinge no Egito, o Parthenon em Atenas, a catedral-mesquita de Santa Sofia em Istambul. É uma oportunidade para a mãe, professora de História, ensinar à sua filha pontos da disciplina escolar com que se ocupa. Há, portanto, um tom didático no filme, que faz lembrar a observação de Silviano Santiago a respeito do turista europeu, como aquele que “quer impor um significado ao seu Outro no próprio campo do Outro” (p.201). O encontro com o Outro se dá somente durante a visita ao Parthenon, quando as portuguesas são acompanhadas por um religioso grego-ortodoxo, momento em que há um certo contraponto às explicações da professora. Tal não se repete no Egito, onde encontram um conterrâneo, um ator português.

Mesmo sendo bem diversos os objetivos e o tempo histórico da viagem de Vasco da Gama, o fato de que duas portuguesas fazem uma viagem de navio a Bombaim passando por grandes civilizações do passado é bastante significativo. Podemos quase

ouvir Manoel de Oliveira cantar, como Luís de Camões em *Os Lusíadas*, poema épico que figura entre os fundadores da identidade nacional portuguesa:

*Cessem do sábio grego e do troiano  
As navegações grandes que fizeram;  
Cale-se de Alexandre e de Trajano  
A fama das vitórias que tiveram,  
Que eu canto o peito ilustre lusitano,  
A quem Netuno e Marte obedeceram;  
Cesse tudo o que a Musa antiga canta,  
Que outro valor mais alto se levanta.  
(CAMÕES, p.14 )*

É como se Manoel de Oliveira, valorizando o passado português das grandes navegações dos séculos XV e XVI, quisesse inscrever Portugal no rol dessas grandes civilizações e/ou impérios: o Antigo Egito, a civilização grega, o império romano, o império bizantino e, por que não Portugal, um Quinto Império? O cineasta retoma, assim, a idéia inicialmente desenvolvida pelo Padre Antonio Vieira em *Esperanças de Portugal e Quinto Império do Mundo* e poetizada por Fernando Pessoa em *Mensagem* (autores também citados diretamente por Saramago em *A jangada de pedra*) de que Portugal seria um quinto império de ordem temporal e espiritual.

*E assim, passados os quatro  
Tempos do ser que sonhou,  
A terra será teatro  
Do dia claro, que no atro  
Da erma noite começou.*

*Grécia, Roma, Cristandade,  
Europa – os quatro se vão  
Para onde vae toda idade.  
Quem vem viver a verdade  
Que morre D. Sebastião?  
(PESSOA, 1976, p.84-85)*

Assim, *O Quinto império* de Manoel de Oliveira dialoga com o seu filme anterior e com Fernando Pessoa, centrando-se nos momentos que precederam a partida do rei D. Sebastião para a batalha de Alcácer-Quibir. Esta decisão do jovem rei de, diferentemente de seus predecessores, desviar os esforços das navegações pelo Atlântico para a conquista dos mouros no Norte da África teve como conseqüências a

derrota dos portugueses e o desaparecimento do rei sem ter deixado herdeiros, o que resultou, por sua vez, na união de Portugal à Espanha sob o domínio do rei Filipe II de 1580 a 1640. Surgia também com esse fato o Sebastianismo, o mito de que o D. Sebastião voltaria para fazer de Portugal um grande império.

A viagem em *O Quinto Império* (2004) não se constitui num deslocamento no espaço (esta viagem é apenas anunciada no filme), não é uma revisitação de um lugar, mas sim de um tempo, de um episódio da história portuguesa relacionado com um passado de glórias tão louvado por Camões e pelo próprio Pessoa em *Mensagem*, e que é, ao mesmo tempo, o prenúncio de um ocaso.

Portanto, viagem no espaço a ser realizada pelo rei Dom Sebastião tem um fim trágico, assim como teve a viagem da mãe e da filha de *Um filme falado*. É como se ambos não dessem ouvidos às exortações de Camões em *Os Lusíadas*. Composto efetivamente durante o reinado de Dom Sebastião, *Os Lusíadas* contêm em alguns de seus últimos versos advertências ao jovem rei:

*A disciplina militar prestante  
Não se aprende, Senhor, na fantasia,  
Sonhando, imaginando ou estudando,  
Senão vendo, tratando e pelejando.  
(CAMÕES, p.321 )*

Já para as viajantes contemporâneas parece serem pertinentes as exortações do Velho do Restelo a não deixarem as paragens à beira do Tejo. Na viagem turística e didática que as duas fazem por um Oriente de monumentos e passado gloriosos, o presente daquela região, ao qual as duas não davam atenção, se impõe na contingência de um ataque terrorista. Cantando os feitos portugueses como um Camões moderno, Manoel de Oliveira também inclui em seus filmes as inquietações do poeta quanto ao resultado potencialmente negativo daquelas empresas.

Um desses resultados, a união ibérica, de gosto amargo em 1580, é pintada com cores bastante otimistas por Saramago no momento presente em *A jangada de pedra*. Nessa história alegórica, Portugal e Espanha se destacam da Europa “colados”, dando a

idéia de que sejam um mesmo conglomerado cultural. Com efeito, não só o episódio da união dos dois países sob o mesmo rei entre 1580 e 1640 mostra que Portugal e Espanha têm uma história comum e bem particular dentro da Europa. São países que passaram por séculos de contato com os mouros, que deixaram suas marcas no povo ibérico e na sua cultura. Foram os dois principais motores das Grandes Navegações dos séculos XV e XVI, responsáveis pela colonização de grande parte da América e pela difusão do cristianismo. Mesmo as línguas faladas em seus territórios são bastante semelhantes.

*A jangada de pedra* tem também como base o tema da viagem. Fazendo alusão aos versos de Fernando Pessoa que celebravam os navegadores portugueses (“*Tudo vale a pena/ Se a alma não é pequena*”) e já imortalizados na memória coletiva, Saramago reflete sobre o sentido da viagem.

(...) “pois nenhuma viagem é ela só, cada viagem contém uma pluralidade de viagens, e se, aparentemente, uma delas parece apresentar tão pouco sentido que nos sentimos autorizados a sentenciar, Não valeu a pena, mandaria o senso comum, se por preconceito ou preguiça o não obliterássemos tantas vezes, que verificássemos se as viagens de que aquela foi conteúdo ou continente não serão valiosas bastante para terem, afinal valido a pena e as penas.” (SARAMAGO, 2003, p.240)

Assim, em *A jangada de pedra*, podemos dividir as múltiplas viagens em dois grupos principais: uma viagem exterior, a da Península Ibérica como um todo, e as viagens interiores contidas dentro dela. A viagem exterior da península é semelhante à dos antigos exploradores portugueses em suas caravelas e diferente da rota do navio em *Um filme falado*, pois ela também navega pelo Oceano Atlântico em direção ao Novo Mundo. Só que desta vez a deriva no Atlântico não é um feito de homens particulares, mas de todo o povo ibérico viajando em sua península-jangada.

Esse movimento exterior é uma forma de afirmação identitária, que não se processa através de uma busca de auto-conhecimento num Alhures (como ocorre em muitas obras literárias de países pós-coloniais, cujos personagens têm uma imperativa necessidade de ir em direção à antiga Metrópole, ou, no caso de emigrados, de regressar ao país de suas origens), mas sim, tornando-se a si próprio um exterior.

A união ibérica idealizada por Saramago é metaforizada pelo trajeto da jangada: ela passa pelos Açores (ex-colônias portuguesas) e, “desistindo” de seguir viagem em direção à América do Norte, muda de rota e toma o rumo do sul, parando a meio caminho da América Central (as ex-colônias espanholas), da África (além do fato de que sua costa era local dos antigos entrepostos comerciais portugueses, mais ao sul fica Angola, ex-colônia portuguesa) e do Brasil.

Na metáfora de Saramago, está expresso um certo ressentimento contra a marginalização dos países ibéricos no atual jogo de forças econômicas na União Européia. Assim, a península é como que “expulsa”, embora não deliberadamente, de uma Europa hostil a ela. Como insinuaram alguns países membros da Comunidade Européia: “...se a Península Ibérica se queria ir embora, então que fosse, o erro foi tê-la deixado entrar.” (SARAMAGO, 2003, p.42).

O desprendimento da Península do continente europeu fora acidental e por causas aparentemente sobrenaturais, mas parecia expressar um desejo latente dos outros europeus:

“Ainda que não seja lisonjeiro confessá-lo, para certos europeus, verem-se livres dos incompreensíveis povos ocidentais, agora em navegação desmastreada pelo mar oceano, donde nunca deveriam ter vindo, foi, só por si, uma benfeitoria, promessa de dias ainda mais confortáveis, cada qual com o seu igual, começávamos finalmente a saber o que a Europa é, se não restam nela, ainda, parcelas espúrias que, mais tarde ou mais cedo, por qualquer modo se desligarão também. Apostemos que em nosso final futuro estaremos limitados a um só país, quinta-essência do espírito europeu, sublimado perfeito simples, a Europa, isto é, a Suíça.” (SARAMAGO, 2003, p.153)

Os únicos ecos de solidariedade e de reconhecimento do pertencimento dos ibéricos ao continente europeu vêm da boca de jovens estudantes do resto da Europa que, semelhante a um *slogan* de Maio de 68, bradam, cada um em sua língua, “Nós também somos ibéricos”. Com isso, incomodam seus governos, que procuram convencê-los do “negro quadro das realidades ibéricas” e que os advertem estarem “a pôr em perigo a identidade européia, e concluíram a sua intervenção no debate com uma frase definitiva, olhos nos olhos do espectador, em atitude de grande franqueza, Faça como eu, escolha a Europa” (SARAMAGO, 2003, p.155).

Essa Europa é chamada por Saramago na página 31 de “mãe amorosa”. Ao contrário dos outros governos e populações, essa mãe abstrata se inquieta com o destino

de seus filhos ibéricos. Talvez como uma forma de resistência à negação da Comunidade Européia quanto à “europeidade” dos seus membros mais ocidentais, Saramago faz uma alusão a um certo Homem de Orce, crânio com idade de mais de um milhão e trezentos mil anos encontrado no povoado próximo de Venta de Micena e que seria o europeu mais antigo de que haveria registro. Saramago também refere com o nome Micena aos gregos antigos da cidade grega quase homônima. De fato, a Europa moderna, devedora da civilização grega clássica, hoje repudia também, assim como a Portugal e à Espanha, a Grécia como um membro indesejado de sua comunidade de “escolhidos”.

A viagem exterior da “jangada” é acompanhada por uma viagem no seu interior dos cinco personagens principais do livro, portugueses e espanhóis, cada um oriundo de uma diferente região: o Porto, os arredores de Coimbra e o Ribatejo em Portugal, a Andaluzia e a Galícia na Espanha. Essa viagem interior não é uma viagem de busca de origens culturais. É, sim, motivada pelo fato desses cinco personagens terem em comum algo sobrenatural iniciado no momento em que a península se desgarrou da Europa. Embora não tenha sido a motivação inicial, Saramago faz com o trajeto das viagens de seus personagens uma visitação de locais importantes da cultura ibérica.

Assim, Joaquim Sassa, que conseguira jogar no mar uma pedra muito pesada a uma distância impensável, sai do Porto para encontrar o professor José Anaíço no Ribatejo, a quem passaram a acompanhar um bando de estorninhos. Os dois se dirigem, então, a Orce, pequena aldeia na Andaluzia, onde vive o farmacêutico Pedro Orce, que desde então sentia a terra tremer sob seus pés. O trio volta a Portugal e em Lisboa são procurados por Joana Carda, mulher que fizera um risco com uma vara de negrilho no momento em que Joaquim Sassa lançara a pedra ao mar. O quarteto segue, então, para a aldeia de origem de Joana, Ereira, próxima a Coimbra. A partir daí são acompanhados por um cão misterioso, que o leitor sabe ter sido um presenciador do destacamento dos Pireneus da França, e em cuja boca traz um fio que os conduz até Galícia, mais especificamente até a propriedade de Maria Guavaira. A origem do fio está numa meia que não diminui de tamanho apesar da montanha de lã já desfeita por Maria. Enfim reunido, o quinteto segue viagem pelo interior da Espanha em direção aos Pireneus para ver com os próprios olhos o fato sobrenatural ao qual todos estão ligados. Se há uma busca de origens nessa viagem, é pelo local primordial da nova situação da Península Ibérica.

Não só para a península e os cinco personagens, a viagem parece ser a palavra de ordem em todo o livro. O narrador de Saramago identifica três “êxodos” principais ao longo da história do livro: o dos turistas estrangeiros, que veraneavam em Portugal e Espanha no momento da abertura da fenda e que voltam para os seus países de origem; o segundo, o dos ricos e poderosos, fugindo da península para terras mais estáveis; o terceiro, o dos habitantes locais das regiões com perigo de choque. Tudo e todos estão em constante movimento pelas estradas, pelo mar, pelo ar.

Além da afirmação da identidade ibérica frente à Comunidade Européia, Saramago põe em questão as diferenças locais dentro da península. Com efeito, a relação com o Outro é uma das principais instâncias de formação identitária e este Outro pode estar tão próximo (como os portugueses de Coimbra, do Porto, do Ribatejo e os espanhóis da Galícia e da Andaluzia), que às vezes passa despercebido. A alteridade é demarcada, além das diversas regiões de origem dos personagens, pelo fato de serem homens e mulheres, de idades distintas (como Pedro Orce, mais velho que os outros) e de diferentes camadas sociais. Em relação a esse último aspecto, observe-se, por exemplo, a disparidade entre Joaquim Sassa, homem da cidade e funcionário de escritório, e a pequena proprietária rural de poucos estudos Maria Guavaira. O contato com o Outro efetuado por cada um dos cinco personagens ocorre de maneira bastante conciliadora e satisfatória, tanto que se formam logo dois casais.

O casal Joaquim Sassa e Maria Guavaira, além de todas as diferenças já referidas, é também um símbolo da união ibérica, tão desejada e celebrada por Saramago. Se Manoel de Oliveira, Fernando Pessoa e Luís de Camões é/eram defensores de um nacionalismo português, Saramago não esconde o seu “iberismo”, de que o livro *A jangada de pedra* é quase que um manifesto.

No grupo misto de *A jangada de pedra* também não há problemas de entendimento por conta de falarem diferentes línguas, português e espanhol (provavelmente também os dialetos andaluz de Pedro Orce e galego de Maria Guavaira). Todos estão em harmonia, mas talvez justamente por serem Outros próximos, de passado comum e línguas parecidas.

Já Manoel de Oliveira toma a língua como um de seus bastiões de afirmação da identidade portuguesa. Em *Um filme falado* faz uma crítica do estatuto minoritário da língua portuguesa na seqüência do jantar no navio. Uma das mesas está constituída por personagens de diversas nacionalidades representados por atores de origem correspondente à de seus personagens: a francesa Cathérine Deneuve, a italiana Stefania

Sandrelli, a grega Irene Papas e o americano John Malkovich. Cada um fala em sua respectiva língua e todos se entendem perfeitamente. Tal não acontece quando a mãe e a filha portuguesas são convidadas para se sentarem à mesa: ninguém compreende português e Rosa Maria fala em francês e inglês. Interessante é que, nesta mesa, o português é uma língua muito mais “exótica” e minoritária que o grego falado por Irene Papas. É como se Manoel de Oliveira nos alertasse para o perigo do português se tornar uma língua morta.

A problemática da língua não é nova na obra de Manoel de Oliveira. Num filme de 1996, *Viagem ao princípio do mundo*, um ator francês de origem portuguesa vai visitar Portugal e encontra a resistência de sua tia, residente numa pequena aldeia. Ela acha estranho que ele não fale e não entenda português. Parece que a tia não se deu conta do estatuto da língua portuguesa no mundo atual.

Ao representar a língua portuguesa como algo exótico, Manoel de Oliveira também alude à maneira como Portugal e Espanha são vistos dentro da Europa, ou seja, eles são considerados como destinos tão exóticos quanto as terras do Oriente Médio (os “incompreensíveis povos ocidentais” na citação de Saramago). Basta que se estude a pintura e a música européia do século XIX: ao lado do exotismo das sensuais odaliscas de Délaçroix, estão também as espanholas de mantilha de Manet, a Carmem de Bizet e outras melodias espanholas. Assim como também representado em *A jangada de pedra*, a Península Ibérica, semelhante aos longínquos domínios coloniais, é um Alhures dentro da Europa.

José Saramago e Manoel de Oliveira tomam o bastão de Camões e de Fernando Pessoa para mostrar ao mundo o valor da cultura portuguesa. Pode-se questionar o valor desse nacionalismo, num mundo em que tal atitude costuma resvalar para fundamentalismos. Entretanto, tendo em vista o jogo desigual com se opera a globalização, esses bardos contemporâneos podem, sim, serem não só pertinentes como necessários para que, quem sabe, como idealizava o escritor e teórico martiniquês Édouard Glissant, as diferentes línguas do mundo (inclusive o português) fossem ouvidas como à mesa do navio de *Um filme falado*, como num maravilhoso mundo-caos.

## Bibliografia

CAMÕES, Luís de. *Os Lusíadas*. São Paulo: Nova Cultural, 2002.

GLISSANT, Édouard. *Introduction à une poétique du divers*. Paris: Gallimard, 1996.

PESSOA, Fernando. *Obra poética - volume único*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1976.

SAÏD, Edward. *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

SANTIAGO, Silviano. *Nas malhas da letra*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.  
Cap.: Por que e para que viaja o europeu?, p.189-205.

SARAMAGO, José. *A jangada de pedra*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

### Filmes

*Viagem ao princípio do mundo*, de Manoel de Oliveira, 1996.

*Um filme falado*, de Manoel de Oliveira, 2003.

*O Quinto Império – Ontem Como Hoje*, de Manoel de Oliveira, 2004.

### Sites

[http://www.vidalusofonas.pt/padre\\_antonio\\_vieira.htm](http://www.vidalusofonas.pt/padre_antonio_vieira.htm) e [http://www.universal.pt/scripts/hlp/hlp.exe/artigo?cod=2\\_118](http://www.universal.pt/scripts/hlp/hlp.exe/artigo?cod=2_118) : sobre o Padre Antonio Vieira e sua obra.

<http://www.geocities.com/Area51/Atlantis/2970/link0011.htm?19971>: sobre o rei D. Sebastião.